



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

MARIA LUÍSA DE BRITO HENRIQUES

PINHEIRO BLOT

1946-2014

Jean-Yves Blot

Mar de Trigo

«Esta tese é uma pedra no charco da arqueologia portuguesa» (Universidade de Braga, 2001).

Foi com estas palavras que o arguente da tese de mestrado de Maria Luísa na Universidade de Braga abriu o debate relacionado com as marcas da função portuária no contexto da arqueologia portuguesa.

E difícil ainda hoje ponderar as motivações que levaram Maria Luísa de Brito Henriques Pinheiro Blot, alentejana educada e crescida na planície de Beja, a abraçar a temática portuária¹, sabendo a partida a suposta escassez, em Portugal, de vestígios relacionados com a função portuária.

Quem viajar hoje pelo Alentejo ocidental e parar em Odemira para um refresco ou uma bica pode observar, ampliada na parede de um café próximo

do rio, a fotografia antiga de um grande veleiro de comércio atracado ao porto... de Odemira.

O paradoxo salta um patamar quando o leitor do *Arquivo de Beja* na edição especial de 1963-64 por ocasião da morte do pioneiro Abel Viana, descobre num artigo do então jovem J. M. Bairrão Oleiro a «história» do vaso de vidro de Odemira apresentado em Paris na *Exposition Universelle* de 1867, anos depois de ter sido achado «dans une mine près d'Odemira, jadis exploitée par les Romains»².

O pequeno recipiente, com um diâmetro máximo pouco superior a 10cm, apresenta gravado no seu flanco uma vista panorâmica, em duas filas sobrepostas, da fachada portuária de Puteoli (Pozzuoli), o grande porto romano da costa ocidental italiana cujo próprio molhe está representado na imagem de vidro.

Cinco objetos de mesmo tipo eram conhecidos na altura em que Bairrão Oleiro redigiu o seu artigo no qual ele lembra aos leitores de 1964 que o próprio Abel Viana (1896-1963), autor entre muitas outras obras, de uma monografia e de diversos tra-

¹ M.L. Pinheiro Blot (2010): "Seaports and fluvial harbours in the Portuguese territory – The options for ancient harbour activities within a changing nautical landscape". In Carreras, C.; Morais, R.: *The Western Roman Atlantic Façade. A study of the economy and trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate*. BAR International Series 2162, 2010. Oxford, Archaeopress: 81-89.

² Cf. J. M. Bairrão Oleiro, 1963-64: O vaso de vidro de Odemira. *Arquivo de Beja*, XX-XXI: 103.

balhos sobre vidro romano, não tinha tido acesso a esta informação devido ao paradeiro desconhecido da peça e ao facto de o primeiro texto académico sobre o vaso de vidro encontrado no interior do Alentejo ter sido publicado na *Archäologische Zeitung* por um professor de Königsberg. A vista panorâmica portuária gravada no flanco do pequeno vaso de Odemira foi novamente reproduzida três quartos de século mais tarde, de maneira mais coerente no plano gráfico, por Amedeo Miauri um autor italiano, e pode ser consultada no número respetivo do *Arquivo de Beja* (1973-64, XX-XXI)³.

Foi para mim um paradoxo intrigante vir a saber da Maria Luísa que uma cidade como Beja, paradigma da *urbe* em pleno mar de trigo, a cem quilómetros do Atlântico, tinha, no plano arqueológico, um fâcies portuário refletido no vasto leque de proveniências dos materiais (um porto é, por essência, uma janela sobre o mundo) e, neste caso concreto, e para o período romano, pela forte presença social de libertos, antigos escravos e agentes económicos de destaque da atividade industrial de um porto deste período. Vim a saber tempos mais tarde, pela própria arqueóloga Conceição Lopes que escavou as traseiras da Praça da República na parte central, a mais alta da cidade alentejana, na zona do antigo forum romano, que o fâcies portuário de Beja, curiosamente, desaparecia no Renascimento, com a abertura de Portugal inteiro para o mundo.

Noutros termos, a partir do coração do Mar de Trigo, esses dois «detalhes», o vaso de vidro de Odemira, e o fâcies portuário da cidade de Beja até à época tardo-medieval, bastavam por si só para abrir um debate arqueológico explosivamente rico em torno da questão portuária.

Para além de algumas «pistas» essenciais para ela e para o tema, a começar pelas investigações de arqueólogos como Vasco Mantas (o arguente em Braga) para a relação entre a atividade marítima passada



Figura 1 – A bordo do ketch *Mélusine*, de regresso do Banco de Arguim (missão de localização geofísica dos vestígios da fragata *Méduse* (1816), ao largo da Mauritânia, 1980). Foto JYB.

e a rede de circulação terrestre ou Ana Arruda para o tema crucial e que a aliciou particularmente, das influências orientalizantes no início da idade do Ferro, foi nos trabalhos da geógrafa Susanne Daveau, nas obras de historiadores que abordaram a temática do transporte por via aquática em todo o território português e na visão do mundo que lhe facilitaram os professores da Faculdade de Ciência de Lisboa e geomorfólogos César Andrade e Conceição Freitas, entre outros, que Maria Luísa encontrou as ferramentas que lhe permitiram focar-se num objetivo concreto: o potencial analítico da arqueologia em meio urbano, junto de uma frente aquática, fluvial ou marítima, tema para o qual encontrou eco operacional em arqueólogos mais novos envolvidos em arqueologia urbana junto das antigas margens ribeirinhas⁴.

Um desses arqueólogos mais jovens soube,

³ Amedeo Miauri (1949): *I Campi Fiegrèi*. Roma. O desenho de A. Miauri do vaso de Odemira encontra-se reproduzido no artigo de J.M. Bairrão Oleiro de 1964 (*Arquivo de Beja*, XX-XXI: 105, «Vaso de Odemira. Desenho planificado...»).

⁴ M. L. Pinheiro Blot, C. Neves e F. Rodrigues (2009): «Terreiro do Paço». *National Geographic* (Portugal), Vol. 9, nº 101, Grande Angular, 8 pp.

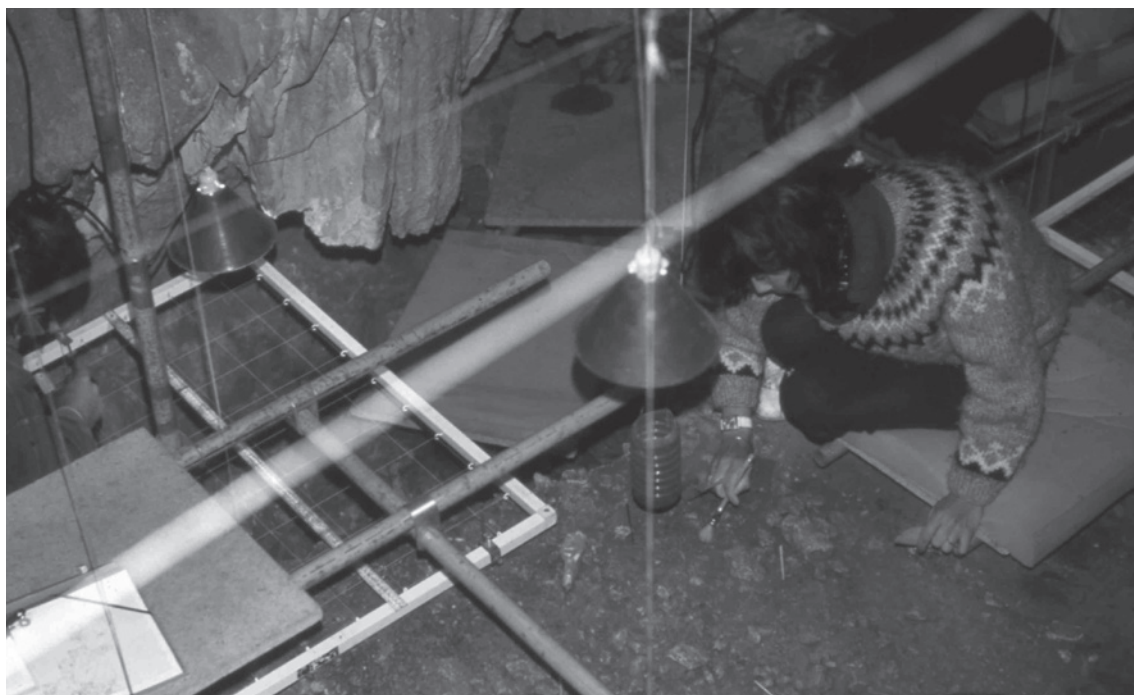


Figura 2 – Abril de 1987, gruta de la Boucle, Corconne (sul de França): Estágio nas escavações de depósitos funerários colectivos do Neolítico médio (primeira ocupação *circa* 2700 a.C.) sob a orientação de Henri Duday (Departamento de Antropologia Física da Universidade de Bordéus) . Foto comunicada por H. Duday.

com as ferramentas do poeta que veremos mais adiante, expressar a partilha que nasceu entre ele e ela nos estaleiros exigentes, lamacentos, poluídos e barulhentos da antiga margem ribeirinha de Lisboa.

Pensando melhor, Maria Luísa dispunha à partida, em matéria «portuária», de um banco de dados privilegiado nutrido pela sua vivência na relação pessoal com a água, com o mar, com os navios e com os sítios de naufrágio onde tinha trabalhado, mergulhado, medido, desenhado, compilando no processo uma longa fila de emoções diversas, todas muito pessoais.

Do deslumbre ao susto e à dor pura e simples, essa fileira de experiências adquirida em vários mares do planeta levou-a, num caso, à mesa de operação.

Pierre Mazars, o neurocirurgião parisiense que a operou a uma hérnia na coluna cervical⁵, tinha co-

⁵ A hérnia discal que ameaça o mergulhador a trabalhar debaixo de água tem a ver com os traumatismos mecânicos que sofre a estrutura óssea num meio físico no qual o sistema muscular, relaxado, deixa de oferecer a proteção «mecânica» que fornece «ao ar livre».

mentado, ao diagnosticar a patologia trazida, neste caso, do oceano Índico:

«Ocorre de vez em quando entre os mergulhadores profissionais, já operei quarenta e nove, todos homens. A senhora é a primeira mulher que me aparece com esta patologia».

Tínhamos regressado semanas antes de uma longa estadia na ilha Maurício onde tínhamos investigado um sítio de naufrágio num recife de coral da costa oriental, aberta à ondulação oceânica.

Lida com décadas de recuo, esses arquivos de naufrágios investigados em diversos contextos geográficos e históricos, incluindo Portugal, forneceram a Maria Luísa uma visão do porto «ausente»: com a exceção de um naufrágio no porto (eles existem e nutrem as Cartas Arqueológicas com longas séries, muitas vezes anónimas) o naufrágio é, sempre, para a tripulação vítima do acidente, um porto procurando, mas «nunca alcançado».

Mas outras pistas bem mais discretas e complexas do que o sítio de naufrágio alimentaram a busca dela.



Figura 3 – Portinho da Areia Norte, Peniche, agosto de 1987: Fio de prumo e desenho osteológico à escala 1/5. Sepulturas de catástrofe do *San Pedro de Alcantara* (1786). Foto Mário Jorge Almeida.



Figura 4 – Regresso de um dia no mar, campanha submarina no sítio do *San Pedro de Alcantara* (praia da Gamboa, Peniche de Cima, verão 1988). Foto: Peter Harpsøe.

Existe no Restelo, na sede do Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS) no qual Maria Luísa trabalhou vários anos com função de conservadora das coleções, uma peça policroma suspensa na parede.

À partida, o objeto parece um brinquedo sofisticado mas a peça ganha vida se alguém a liga à eletricidade.

Explodem então as cores em dois tons principais: o Azul do ar, na parte superior, com silhuetas de barcos parados à superfície do mar, e o Verde da água, debaixo do mar, na metade inferior do painel iluminado.

Realizada pelo artista suíço André Froidevaux, a pedido de Maria Luísa no quadro das suas actividades no CPAS; este painel tridimensional tem como tema de mensagem o mais discreto dos sítios náuticos: o fundeadouro (*mouillage*, em francês), lugar onde navios, ao longo de séculos ou milénios, lançam a âncora, ou detritos pela borda fora, sempre na mesma zona, por uma razão incontornável relacionada com o abrigo fornecido ao próprio navio pela configuração e paisagem física do local.

Ao contrário dos sítios isócronos como os de naufrágio (o acidente fecha todo o contexto arqueológico em torno de um momento único, o da perda: todos os objetos do sítio de naufrágio são contemporâneos uns dos outros), o fundeadouro exige do investigador um olhar extensivo e polivalente capaz de abarcar a totalidade do leque cronológico e formal associado ao local onde fundearam navios durante séculos e séculos⁶, mensagem que jaz por detrás das cores exuberantes do painel tridimensional do CPAS, no Restelo.

Para Maria Luísa, a verdadeira mensagem do painel tridimensional do Restelo não era um exercício analítico mas, sim, pedagógico: os «achadores» são, neste caso, mergulhadores, desportivos ou profissionais e o painel está aí para «contar a história» e dar

⁶ M. L. Pinheiro Blot (2010): «Ports et points d'abordage au Portugal – Un paysage nautique en évolution». In Hugot, L.; Tranoy, L. (edit.), *Les structures portuaires de l'Arc Atlantique dans l'Antiquité*. (Université de La Rochelle), *Aquitania*, supplément 18. Bordeaux: 39-50.

vontade de enriquecê-la com novos dados avistados no decurso de passeios ou trabalhos submarinos.

São esses achadores que nutrem a Carta Arqueológica do património arqueológico do universo náutico nascida há um terço de século no Museu Nacional de Arqueologia de Belém.

Mas o «perito» deste universo muito específico – debaixo de água – é raramente o próprio arqueólogo que depende, para a sua investigação, do «olho» e da boa vontade do achador-mergulhador.

Essa cultura arqueológica dos leigos-com-barbatanas é responsável pela descoberta, em contexto atlântico (da Galiza até à costa de Marrocos), de cerca de duas centenas de cepos de chumbo de âncora da Antiguidade cujo corpo era em madeira.

No final da sua longa luta contra um mieloma múltiplo que dia após dia minava a sua medula óssea, Maria Luísa soube da boca de um investigador e mergulhador desportivo, Gilles de la Brière⁷, numa conversa tida em Maio de 2014, a mil e cem metros de altitude mas à lareira num chalé dos Alpes franceses, que o Atlântico representa hoje uma parte essencial, talvez um terço, do total do *corpus* de cepos de chumbo conhecidos da antiguidade no ocidente, mar Negro e Mediterrâneo incluídos.

Quando, em 2001, Maria Luísa guiou o arqueólogo norte-americano Shelley Wachsmann e outros membros da sua equipa em Portugal e no sul de Espanha e lhes mostrou as paisagens associadas a diversos sítios arqueológicos do início da idade do Ferro com influências orientalizantes, incluindo Santa Olaia, no baixo curso do Mondego, o clímax da viagem de estudo⁸ teve lugar durante a visita ao museu da Figueira da Foz.

⁷ Gilles de la Brière compilou o conjunto do corpus de cepos de chumbo da antiguidade recenseados em todo o espaço da antiguidade, no âmbito de um projecto de doutoramento na universidade de Nice, em França, sob a orientação de Pascal Arnaud.

⁸ Preparava-se uma missão de detecção remota e análise geomorfológica cujos resultados foram publicados anos mais tarde: S. Wachsmann; R. Dunn; J. Hale; R. Hohlfelder; L. Conyers; E. Ernenwein; P. Sheets; M.L. Blot, F. Castro; D. Davis (2009): "The Palaeo Environmental Contexts of Three Possible Phoenician Anchorages in Portugal". *International Journal of Nautical Archaeology (IJNA)*, 38.1.



Figura 5 – Escavação em suspensão (estaleiro *San Pedro de Alcantara*) (Peniche, verão 1988). Foto JYB.

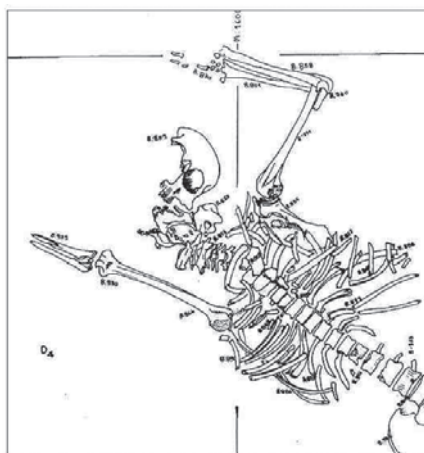


Figura 6 – “Indivíduo X6: Fracturas múltiplas do crânio / presença de uma hemi-face esquerda desconectada do resto dos fragmentos do crânio. Fractura da mandíbula em duas partes. Ausência da parte posterior do crânio, perdida antes da inumação do cadáver. Fracturas múltiplas das costelas. Ausência parcial ou total das extremidades dos membros superiores (mãos). Fractura, com sobreposição, da parte distal do úmero esquerdo (...)” (Maria Luísa Pinheiro Blot, Relatório da campanha arqueológica SPA – Terra – 1988). (Desenho: M. L. Pinheiro Blot, 1988) (repr. de Blot et al., 2008: *Concerto para Mar e Orquestra*. Peniche, Câmara Municipal de Peniche).

Aí, ao ver as jarras fenícias, Wachsmann confiou à sua colega portuguesa e cicerone na península ibérica:

«São exactamente iguais às que temos em Israel».

O norte-americano, que tinha trabalhado longos anos no Médio-Oriente, confiou ainda a Maria Luísa:

«Eu não sabia que Eles tinham vindo tão longe, até aqui».



Figura 7 – Na antiga margem ribeirinha de Lisboa (Janeiro de 2008) (para o CNANS-Instituto Português de Arqueologia): visita às escavações de emergência no Largo do Chafariz de Dentro (arquivo, detalhe da foto original, autor desconhecido).



Figura 8 – Yuste, Espanha, 2013. Foto Ana Mira.

O arqueólogo Alexandre Sarrazola começa com uma frase de quatro palavras um artigo de 2013 que dedicou a uma única tempestade que devastou o porto de Lisboa e vitimou muitos navios, em 1724⁹:

«Para Maria Luísa Blot».

Quando pedi, há semanas, a esse mesmo arqueólogo especialista da frente urbana ribeirinha de Lisboa alguns textos dele relacionados com a colaboração que tinha tido com Maria Luísa em torno do tema portuário, o investigador-escritor enviou-me as palavras seguintes, que partilho hoje com os mem-

bro da Associação dos Arqueólogos Portugueses:

«Para mim, a Maria Luísa era um ser superior. De sabedoria e generosidade tão raras que a sua presença irradiava uma energia benfazeja que ocupava mais espaço que o do seu corpo. Não se limitava a ensinar *o seu saber*, irmanava-nos da sua quase mágica *Visione del Mondo*. Havia nela qualquer coisa do *heróico furor* de Giordano Bruno, ou da sapien-tíssima intuição *De l'Infinito Universo e Mondi*: uma humanista que iluminava a tez cinzenta do nosso mundo. Por também isso era muito bom gostar dela, uma alegria ouvi-la, um privilégio conhecê-la. Dentro de mim a Maria Luísa habita aquele encantado lugar de memórias onde albergo muito poucos...»¹⁰.

Obrigado, Alex.

Beja 23 de Novembro de 2015¹¹

⁹ Alexandre Sarrazola (2013): A GRANDE TEMPESTADE DE 19 DE NOVEMBRO DE 1724. SUBSÍDIOS PARA UMA ABORDAGEM NARRATIVA *Apointamentos de Arqueologia e Património* – 9 / 2013.

¹⁰ A. Sarrazola a J.Y. Blot, 3 XI 2015.

¹¹ O autor agradece a Maria Cecília Froidevaux a revisão deste texto.

